

CRITICA

## O ESPÍRITO GEOGRÁFICO NA OBRA DE EUCLIDES DA CUNHA

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA

*E' com a mais viva satisfação que o Boletim Paulista de Geografia recebe a presente colaboração do prof. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, presidente recém-reeleito da Associação dos Geógrafos Brasileiros, técnico do Conselho Nacional de Geografia e autor de conhecidos trabalhos de alto interesse geográfico.*

*Trata-se de uma conferência redigida e proferida na cidade de São José do Rio Pardo, em nosso Estado, no dia 10 de agosto de 1949, durante as tradicionais comemorações da "Semana Euclidiana".*

É para mim um grande privilégio manter, nesta meia hora de emoção cívica, contato intelectual com a culta e independente população de São José do Rio Pardo, através da ciência que estuda as relações entre a Terra e o Homem.

Ao sentido amplo do assunto que me foi oferecido, prefiro dar, em face da premência do tempo, uma significação restrita, mas nem por isso menos expressiva.

Considerarei, pois, a geografia na obra euclidiana sob o ponto de vista metodológico e como sendo a manifestação persistente do espírito geográfico, nos trabalhos de um escritor desde cedo votado ao debate de temas de natureza social e ao trato, na maturidade, de teses e problemas ligados, direto ou indiretamente, ao interesse e bem-estar públicos.

**Euclides da Cunha, uma exceção.** — Vivendo numa época de transição, em que poucos souberam ou puderam abrir os olhos para "ver" o que devia ou podia ser visto, a fim de, pela experiência, trilhar os caminhos mais seguros para o futuro, Euclides foi uma exceção, aliás, paradoxalmente honrosa e agressiva.

Depois da observação direta do cenário onde se desenvolveu um dos mais pungentes dramas da nacionalidade, conseguiu enfiar em livro mundialmente célebre os traços essenciais da paisagem nordestina, traços física e culturalmente vislumbrados atra-

vés dos óculos de alcance de sua cabana minúscula de Rio Pardo.

Se aqui levou a cabo, como engenheiro, uma construção material ligando, no espaço, duas regiões geográficas bem diversificadas, aqui também, como escritor, construiu um outro e impercível traço de união, ligando no tempo duas épocas literárias qualitativamente diferentes.

Em qualquer delas, porém, jamais deixou de usar aquela visão positiva das realidades terrestres, que fornecem ao homem objetivo e, particularmente, ao geógrafo, o primeiro e tão necessário contingente de conhecimentos que devem figurar na base das ciências econômicas e sociais.

**Um geógrafo nato.** — Foi Euclides, ao meu ver, não apenas um idealista insatisfeito, mas também um geógrafo nato, que encontrou na superfície da terra o seu material de estudo em dois mundos, constituindo domínios objetivos.

Um foi a Natureza, orgânica e inorgânica, desenvolvendo-se segundo lei de finalidade; outro a Cultura, em cuja formação trabalham a tradição histórica e a vontade individual (1).

Êsses objetivos, que não se encontram especialmente isolados, mas sim estreitamente correlacionados, sempre figuram, em maior ou menor grau, na obra euclidiana.

Ao fixar-se, porém, no modo de plasmar-se reciprocamente o Homem e a Natureza, pôde Euclides destacar certas paisagens naturais e culturais típicas, quando em determinados momentos um dos domínios básicos chegou a sobrepujar o outro. Nem por isso — o que é extraordinário! — passou a perder de vista a correlação que sempre existe, embora em certos casos defeitos possam ser apontados por críticos mais exigentes, no modo de estabelecer, geograficamente, a relação mútua entre fatos físicos e humanos.

Possuindo um "olho sintético", para usar a conhecida expressão de Rosier, Euclides viu sempre em bloco, preocupando-se preferencialmente com as diversidades da superfície, ora estabelecendo contrastes e semelhanças dos seus aspectos mais salientes, ora detendo-se na análise da *paisagem*, cuja noção em geografia, segundo Schnass, aparece com o objeto de evitar o extravio na plethora de ciências geográficas objetivas e, ainda, a penetração indébita nas esferas não geográficas, através de considerações geofísicas e culturais (2).

(1) SCHNASS (Franz), *Enseñanza de la Geografía*, in *El Tesoro del Maestro*, ed. Labor, 1937, pág. 20.

(2) Op. cit., pág. 31.

**Paisagem natural e paisagem cultural.** — A lembrança de uma tal noção rigorosa e particular de *paisagem* fornece-me a oportunidade de relembrar-vos que, para os geógrafos, a paisagem deve ser entendida como uma parte do espaço que (se me permitem dizer) forma em si um todo completo. Então as formas, os fenômenos e os aspectos da superfície terrestre, resultantes das forças e dos agentes físicos, que continuamente trabalham, modelando-a ou transformando-a sob os nossos olhos, quando coexistem num determinado espaço, formam o que modernamente se denomina de *paisagem natural*. Mas o homem, com sua atividade na superfície terrestre, altera em maior ou menor grau a paisagem natural, donde o novo tipo plasmado pelo homem, que é a *paisagem cultural*.

A decomposição da paisagem geográfica em duas partes distintas — física e cultural, decorre do fato de ainda não se ter chegado à maravilha de síntese, estudando a Terra e o Homem nas suas inter-relações, a ponto de se reunir numa só as duas tradicionais divisões da geografia, impostas pela comodidade de estudo e interpretação (3).

**Metodologia de Euclides.** — Sob o ponto de vista recém-exposto, a obra prima de Euclides da Cunha, sem ter sido escrita para especialistas atuais da nossa ciência, obedeceu, em seu traçado geral, a linhas metodológicas corretas.

Preliminarmente estudando a Terra, do geral para o particular, desde a caracterização do planalto central, que lhe pareceu ser a mais acertada e expressiva, até à do âmago do cenário físico dos sertões de Canudos, mediante traços fortes de remarcada expressão, Euclides procedeu como um gigante do talento que, progressivamente, foi apertando em suas mãos a prêsca rebelde, até o ponto de dominá-la com a força de sua inteligência. Pôde, então, examinar-lhe o físico e a alma, descendo, no primeiro caso, à análise dos componentes do meio natural e, no segundo, até à observação cuidadosa do homem que nêle vivia através da complexidade do problema etnológico do Brasil, da variabilidade do meio físico, sua reflexão na História, sua ação na formação das etnias e sua influência na gênese das personagens típicas, de que Antônio Conselheiro foi, segundo êle, “um documento vivo de atavismo” (4).

**O espírito geográfico na obra euclidiana.** — Na redação e apresentação da síntese explicativa, que é, afinal, o coroamento

(3) VALLAUX (Camille), *Les Sciences Géographiques*, Lib. Félix Alcan, Paris, 1929, nova edição, págs. 4 e 5.

(4) CUNHA (Euclides da), *Os Sertões*, Liv. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 20.<sup>a</sup> edição corrigida, pág. 149.

de toda a obra geográfica digna dos progressos atingidos pela ciência, não basta o respeito em maior ou menor escala às linhas mestras metodológicas; faz-se mister impregná-las de *espírito geográfico*, que não se restringe à visão das formas precisas da realidade terrestre, nem se reduz tampouco ao aspecto global de sua extensão territorial; muito menos se apouca no estabelecimento de zonas-limites dentro das quais as realidades parecem agrupar-se como que para uma classificação. O espírito geográfico, acentuou Brunhes (5), deve ir muito além; deve ir até o discernimento das representações variadas que se observam em diferentes pontos da superfície terrestre.

No estudo exato, tanto quanto possível, das situações do presente, na observação cuidadosa dos fatos, sem a demasiada preocupação com o passado; trabalhando sempre no espaço, por definição, o geógrafo possui, com efeito, um método e um espírito que divergem do espírito e método dos historiadores.

Se o espírito histórico pode conduzir a um liame de sucessão e de coordenação no tempo, o espírito geográfico procede da "preocupação primordial da justaposição simultânea de tipos distintos no espaço". Nesse conceito de Jean Brunhes (6), tais tipos não sucedem necessariamente uns aos outros, mas podem ser contemporâneos, correspondendo cada um deles a um meio geográfico diferente.

Sob esse ponto de vista, a obra euclidiana encontra-se altamente impregnada de espírito geográfico.

Bastam duas ou três ilustrações. Aos meios geográficos do Nordeste e da Amazônia, que entre si tanto se diferenciam fisicamente, quanto contrastam social e economicamente, fez Euclides corresponder, na devida ordem, os tipos humanos característicos, do sertanejo, do vaqueiro e do jagunço, em relação ao meio nordestino; e do seringueiro, do caucheiro e do "brasileiro", quanto ao amazônico.

Algumas vezes, comparou um desses tipos mesológicos a uma outra personagem expressiva de outro meio, sempre porém o fazendo à luz da base geográfica, indispensável.

Ao focalizar, por exemplo, os tipos díspares do gaúcho e do jagunço, assim se expressou:

"O primeiro, filho dos plainos sem fim, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta

(5) BRUNHES (Jean), *La Géographie Humaine*, edição resumida, Presses Universitaires de France, Paris, 1947, pág. 287.

(6) BRUNHES (Jean), *La Géographie Humaine*, 3a. edição, Lib. Félix Alcan, Paris, 1925 — tomo II, Monographies: Liasons avec les disciplines voisines, pág. 357.

pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsiccada"..... "Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as *disparadas*, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada. As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas *bombachas*, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre os *baguais*, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas" (7).

À luz da geografia moderna, lendo-se esse trecho euclidiano, verifica-se que, em sua orientação básica, Euclides procedeu ao conceito lablachiano de "gêneros de vida", aparecido em 1911 e segundo o qual tal expressão geográfica significa, por assim dizer, o modo de colaboração entre o homem e a natureza (8).

Tal conceito moderno lablachiano é persistente em Euclides, tanto assim que, ao focalizar o gênero de vida do vaqueiro nordestino, o faz em vista das condições opostas do meio físico. Efetivamente, ao fixar o tipo desse vaqueano, no-lo exhibe na sua vida atormentada "atravessando a mocidade numa intercadência de catástrofes" e "fazendo-se homem quase sem ter sido criança" (9). Fá-lo ainda través de suas vestes de gibão e perneiras de couro, joelheiras de sola, luvas e guarda-pés de pele de veado, e um equipamento modesto e original, "talhando-se à feição do meio", porque (e aqui se segue a relação de causa e efeito) "vestidos de outro modo não romperiam, incólumes, as caatingas e os pedregais cortantes" (10).

Assim é o método de Euclides da Cunha em suas descrições calcadas na observação geográfica, que ensina a "ver", o que é precisamente o mais importante, o que é típico, traçando, conforme Deffontaines (11), uma espécie de fundamento do quadro geográfico, a paisagem clássica, a casa típica, a vida profunda, a beleza íntima. Método que, como para as ciências físicas ou a psicologia experimental, é o da observação, realizada sobretudo no grande laboratório da Natureza. Método geográfico composto de dois processos essenciais: um, o da observação decompondo-se

(7) *Os Sertões*, edição citada, págs. 115-116.

(8) LA BLACHE (Vidal de), *Annales de Géographie*, XX, 1911, págs. 193-212 e 289-304.

(9) *Os Sertões*, pág. 118.

(10) *Os Sertões*, ed. cit., pág. 119.

(11) DEFFONTAINES (Pierre), *Qu'est ce que la Géographie Humaine?* in *Géographie et Colonisation*, de Georges Hardy, Lib. Gallimard, Paris, 1933, pág. 9.

em análise, comparação e classificação; outro, restringindo-se à investigação. Se a descrição e a explicação constituem as duas etapas da análise geográfica, a comparação conduz essencialmente à localização, cujo caráter é elemento de unidade profunda entre a geografia física e a geografia humana, porque encerra a essência de todas as explicações.

**Os princípios da extensão e da associação.** — Todavia, o estudo de um fenômeno geográfico somente pode ser considerado completo quando, além de descrito e explicado, é posto em relação com os que dizem respeito à sua origem ou lhes são análogos.

Decorre daí a necessidade de precisar-lhe a *extensão* na superfície terrestre. Ora, a aplicação do princípio de extensão a um fato típico, geográfico, permite, como frisa Bertoquy, o conhecimento do seu domínio próprio, por isso que fica delimitada a área em que ele se manifesta ou prevalece (12).

É claro que a classificação não se aplica em geografia com a mesma exatidão com que se utiliza nas ciências naturais. A razão é óbvia, porque ela não se apoia exclusivamente sobre os caracteres visíveis dos fenômenos. Penetra em a sua natureza e em a sua estrutura íntima, como fez Euclides em sua obra; se a classificação somente atingisse os aspectos exteriores dos fenômenos perderia todo valor científico. A classificação geográfica visa, então, preferencialmente, as categorias de relações entre os fatos (13).

Uma simples leitura do índice de "Os Sertões" demonstra, à primeira vista, o que se acabou de dizer. Por que insistir na leitura dos capítulos, se estamos em Rio Pardo, na Meca do Euclidianismo?

Por outro lado, permiti-me a insistência, na base do conhecimento das paisagens (estudo essencial da geografia) figura um princípio de *associação*, que, ao justificá-lo, mereceu de Deffontaines palavras que vale a pena lembrar: "O fato isolado é sempre uma abstração; a geografia busca o concreto, exigindo que se reconheça e se destaque o grupamento dos fatos habitualmente ligados em seu conjunto" (14).

A luta de Canudos, um fato humano, exigiu uma explicação, pediu uma interpretação, que Euclides procurou encontrar, valen-

(12) BERTOQUY (Pierre), *La notion de milieu en Géographie Humaine, Essai de systématisation*, in *Problèmes de Géographie Humaine*, de P. Deffontaines, M. Jean Brunhes Delamarre e P. Bertoquy. Lib. Bloud & Gay, 1939, pág. 220.

(13) BERTOQUY (Pierre), *op. cit.*, pág. 220.

(14) DEFFONTAINES (Pierre), *op. cit.*, pág. 10.

do-se sobretudo do método geográfico, no qual o princípio de associação teve o seu papel primordial.

Ao estudá-la, portou-se como faria um geógrafo moderno, um Jean Brunhes, por exemplo.

Para o último, "os fenômenos humanos como todos os fenômenos terrestres, jamais se repetem em igualdade de condições; deve-se envidar esforços no sentido de observá-los em sua evolução, de focalizá-los em sua marcha, de tomá-los, por assim dizer, em plena vida. Todos são animados de um movimento determinado; é preciso estudá-los como se estuda os corpos em movimento" (15). Uma das preocupações dominantes dos que observam os fatos geográficos, tanto os humanos como os da ordem física, é *precisar o ponto do espaço e o momento onde se produzem; depois do próprio movimento, indicar o sentido e observar a intensidade.*

A idéia e o fato da atividade concorrem para uma renovação maior dos conhecimentos geográficos. Para uma verdadeira ressurreição; ressurreição legítima, exclamou Brunhes, e particularmente feliz; da idéia da vida em um estudo cujo próprio objeto é a vida presente da terra (16).

**Influências psicológicas do meio físico.** — Entretanto, convém frisar que os fatos de geografia humana (de que Euclides tão amplamente tratou em sua obra) não encontram sua completa explicação nem seu princípio único de coordenação em causas físicas tão somente. Há um fator sutil e complexo que deve prevalecer em todo estudo de geografia humana. Trata-se da ressonância psicológica das causas de ordem física sobre o ser humano, na medida de seus apetites, de suas necessidades, de suas vontades e aspirações (17).

Em sua obra prima (que, na época, foi como que um Paricutin sul-americano, surgindo de chôfre das entranhas de um ser privilegiado para abalar em seus fundamentos a paisagem literária do Brasil e, com o derrame de suas lavas férteis solidificadas, enriquecê-la depois com a produção cultural dos novos), nessa obra — "Os Sertões", escrita "nos quartos de hora" e "nos intervalos de uma engenharia fatigante", o autor, em verdade, considerou a ressonância psicológica sobre o ser humano de Canudos. Que se recorde aqui uma passagem das mais expressivas:

(15) BRUNHES (Jean), *La Géographie Humaine*, 3a. edição cit., vol. I, pág. 17.

(16) Op. cit., pág. 18 (vol. I, 3a. ed.).

(17) BRUNHES (Jean), *La Géographie Humaine*, édition abrégée, cit., pág. 299.

“Insulado dêste modo no país, que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, *ainda* (18) capacidade orgânica para se afeiçoar à situação mais alta. O círculo estreito da atividade demorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos” (19).

**A orientação moderna de Euclides.** — Já percebestes, por certo, o quanto procurô ser impessoal neste breve estudo crítico acerca da geografia na obra euclidiana. Por força mesmo dessa intenção, peço licença, ainda mais uma vez, para mostrar que Euclides da Cunha, na estruturação de seu mais famoso trabalho, obedeceu, cinquenta anos antes, aos princípios metodológicos preconizados, em 1947, por Albert Demangeon, o consagrado mestre da Escola Francesa de Geografia Humana.

Efetivamente, em seus “Problemas de Geografia Humana” (20), obra mundialmente célebre entre os geógrafos, Demangeon sintetizou o método da moderna geografia humana, em três princípios, dos quais um dêles se expressa do seguinte modo: “A geografia humana deve trabalhar e se apoiar, numa base territorial”. Que fez Euclides senão estudar, primeiro, a Terra, nos cinco capítulos iniciais de “Os Sertões”?

Um segundo princípio reza: “Em geografia humana é preciso não acreditar numa espécie de determinismo brutal, numa fatalidade saída dos fatores naturais”. Que se vê em “Os Sertões”, senão o cuidado da análise e da interpretação humana em face da complexidade do problema etnológico do Brasil e de outros que lhe são correlatos?

Basta que aflore à meditação a passagem comprovante:

“Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desapareceremos. A afirmativa é segura. Não a sugere apenas essa heterogeneidade de elementos ancestrais. Reforça-o outro elemento igualmente ponderável: um meio físico amplíssimo e variável, completado pelo variar de situações históricas, que dêle em grande parte decorreram” (21).

(18) O grifo é nosso. Relembre-se o “momento histórico” de que nos fala Bruahes.

(19) *Os Sertões*, ed. cit., pág. 139.

(20) DEMANGEON (Albert), *Problèmes de Géographie Humaine*, Lib. Armand Colin, Paris, 1947, págs. 30-34 (La Méthode de la Géographie Humaine).

(21) *Os Sertões*, ed. cit. pág. 70.

Num outro de seus três princípios, Demangeon preconizou que “para ser compreensiva e explicativa, a geografia humana não pode deter-se unicamente na consideração do estado atual das cousas. É preciso visar a evolução dos fatos, remontar ao passado, isto é, recorrer à história”. Ora, toda a segunda parte de “Os Sertões” procura na história as luzes necessárias e indispensáveis ao esclarecimento dos fatos narrados e interpretados pelo escritor patricio.

Continuando a procurar examinar, com a maior isenção de ânimo possível, a geografia na obra euclidiana, verifico em recente livro que os processos de trabalho, em geografia, constam de descrição, observação, documentação, explicação e método (22).

Quanto à descrição, relembra Clozier que nesta (conforme assim fez Vidal de la Blache, o fundador e chefe incontestável da Geografia Humana em França) a paisagem deve ser colocada num conjunto mais vasto, de maneira a ficar situada em relação às grandes unidades regionais.

Um rápido exame do que escreveu Euclides, sob o título “A entrada do Sertão” (23), dá-nos a confirmação de que seguiu o bom método, por isso que liga a paisagem dessa entrada às grandes unidades regionais do Brasil, preliminarmente expostas à maneira de um esboço.

A descrição visa não ser completa, esclarece Clozier; procura, sobretudo, destacar os fatos típicos. Pois não é o que se observa constantemente em Euclides?

Tome-se ao acaso uma ilustração tirada de “Os Sertões”, sob o título “Em caminho para Monte Santo” (24):

“Quem se abalance para atravessá-lo, partindo de *Queimadas* para nordeste, não se surpreende a princípio. Recurvo em meandros, o Itapicuru alenta vegetação vivaz; e as barrancas pedregosas do Jacurici debruam-se de pequenas matas. O terreno, areento e chão, permite travessia desafogada e rápida. Aos lados do caminho ondulam tabuleiros rasos. A pedra, aflorando em lagedos horizontes, mal movimentada o solo, esgarçando a tênue capa das areias que o revestem”.

Os traços típicos, recomenda Clozier com base em La Blache, não excluem, aliás, os traços evocadores.

Busquemos em “Contrastes e Confrontos” (25) uma ilustração para o caso. No capítulo “Entre as ruínas” (26), em que

(22) CLOZIER (René), *Les Étapes de la Géographie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1942, págs. 104-127.

(23) *Os Sertões*, ed. cit., págs. 9-10.

(24) *Os Sertões*, ed. cit., págs. 12-15.

(25) CUNHA (Euclides da), *Contrastes e Confrontos*, 8a. edição, Liv. Lello, Porto, 1941.

(26) Págs. 211-218.

focaliza Euclides o vale médio do Paraíba do Sul, no trecho paulista a partir de Cachoeira, é possível destacar um bom exemplo de traços evocadores:

“Os morros escavados, por onde trepa teimosamente uma flora tolhiça, de cafêzais de 80 anos, ralos e ressequidos, mas revelando os alinhamentos primitivos; cintados ainda pela faixa parda-avermelhada dos *carreadores* tortuosos, por onde subiam, outrora, as turmas de escravos; tendo ainda pelos topos, à ourela dos velhos valos divisórios, salteadamente, branqueando as macegas, as vivendas humildes por ali esparsas, a esmo, dão quase um traço bíblico às paisagens” (27).

À descrição de Euclides se aplica o que foi dito por Clozier em relação a La Blache: ela possui, como o fato geográfico, sua originalidade numa forma de convergência; todos os traços, qualquer que seja a natureza, concorrem para precisar a fisionomia dos lugares. Mas, ao mesmo tempo, esta descrição é seletiva; elimina certos traços e acumula outros, porque, no fundo, ela se orienta segundo um pensamento. É uma descrição científica; por conseguinte, ela esquematiza (28).

Inúmeras vezes, para não dizer freqüentemente, a esquematização se orienta para a *explicação*. Que se fixe um bom exemplo, ao descrever o sertão adusto logo após haver atingido o sítio do Caldeirão, no caminho para Monte Santo:

“É uma paragem impressionadora. As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daquêles últimos rebentos das montanhas: tôdas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperôs, e as filades e calcáreos, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo; mal cobertos por uma flora tolhiça — dispondo-se em cenários em que ressalta, predominante, o aspecto atormentado das paisagens” (29).

**A paisagem geográfica e o conceito euclidiano.** — Antes de terminar, quero advertir, senhores, que a noção geográfica de paisagem difere das noções comumente atribuídas ao referido vocábulo.

Em “Les Sciences Géographiques”, um dos grandes doutrinadores franceses da geografia contemporânea — Camille Vat-

(27) Pág. 212.

(28) CLOZIER (René), op. cit., págs. 106-107.

(29) *Os Sertões*, ed. cit., pág. 15.

laux, enfeixou num dos seus magistrais capítulos (30), elucidações da máxima oportunidade.

Em geral, as paisagens dos pintores, dos literatos, dos poetas ou romancistas, bem como a dos naturalistas, se opõem à paisagem geográfica. Expressões da arte ou da ciência, tais formas representativas do mundo exterior se conformam, na sua totalidade, a suas leis e a seus objetos, que não são os objetos e as leis da geografia.

Estas últimas palavras, calcadas em Vallaux, ajudarão a compreender melhor aquilo que os geógrafos consideraram como sendo a sua paisagem.

Na concepção do eminente geógrafo francês, a paisagem geográfica tem um sentido muito particular e é impregnada de antropocentrismo no começo da observação, isto porque a observação principia justamente pela paisagem geográfica familiar, cujas conexões, mesmo as de maior delicadeza e menos perceptíveis ao primeiro golpe de vista, são efetivamente as melhor conhecidas pelo observador. "Trata-se de antropocentria, caso queiram — escreveu Vallaux; pode-se mesmo considerar como um modo muito subjetivo de julgar as coisas, aquêle que toma por base o quadro da vida cotidiana e terra-a-terra. É, porém, uma imperfeição e também uma força da geografia ser muito antropocêntrica no começo e seus processos. De resto, no princípio, qualquer ciência não o é, em maior ou menor grau?" (31).

A descrição é, indubitavelmente, o principal objeto da principal objeto da paisagem geográfica. As grandes sínteses explicativas só mais tarde aparecem. Todavia, em qualquer descrição geográfica bem feita, há, no mínimo, um ou vários elementos de interpretação mediante os quais os fatos representados se ligam de maneira mais satisfatória para o espírito, do que por meio de simples contigüidade espacial, a qual, por si mesma, nada tem de comum com um liame racional.

Mostra Vallaux que a geografia visa os conjuntos, sem esquecer de ligá-los por conexões racionais. Nestas circunstâncias, como a elaboração científica das descrições pela síntese de agrupamento, só se torna verdadeiramente satisfatória para o espírito quando estiverem asseguradas as garantias de impersonalidade, é bem de ver que, estando no começo da observação eivada de antropocentrismo, a paisagem geográfica se afasta da sua verdadeira significação.

(30) VALLAUX (Camille), *Les Sciences Géographiques*, Lib. Félix Alcan, Paris, 1929 — cap. IV, "Les Paysages Géographiques", págs. 86-119.

(31) VALLAUX (Camille), op. cit., pág. 86.

A paisagem geográfica somente adquire um real significado e um verdadeiro valor científico quando engloba, então, um campo extenso, percebido pela visão ideal ou, pelo menos, pela visão auxiliada por instrumentos poderosos como o telescópio, e quando apresenta, simultaneamente, uma vista de conjunto das alternâncias e das oscilações térmicas às quais cada parte da superfície terrestre se encontra exposta. Desta maneira, a paisagem geográfica é tanto mais significativa quanto mais complexa.

Para Vallaux, o emprêgo da visão telescópica nos dá uma paisagem de conjunto vista, por exemplo, de um observatório de montanha, assim como no-la dá a visão ideal de um observador supostamente colocado tão alto quanto possível, cujo olho (devido à curvatura da Terra) ficaria dêsse modo impedido de vêr tôda a superfície considerada; nestas circunstâncias, a visão telescópica e a visão ideal constituem dois meios capazes de tornar impessoal a observação da paisagem geográfica, libertando-a, por assim dizer, do antropocentrismo inicial das paisagens familiares.

Camille Vallaux, finalmente, chamada a atenção para a diferença nitidamente profunda e irredutível entre a paisagem geográfica e as outras formas de paisagens: a dos pintores, a dos literatos, a dos naturalistas, observando: "Um longe e um horizonte constituem, sempre, alguma coisa de vago e de vaporoso para os artistas e para os escritores; para os naturalistas, os longínquos não existem caso se torne indiscernível o mecanismo da vida, não tendo sentido o horizonte" (32).

A paisagem geográfica, pelo contrário, quer derive duma visão real ou de uma visão ideal, começa logicamente do limite do horizonte, que é um dos seus elementos essenciais. Diante da paisagem, a observação do geógrafo começa, portanto, da periferia para o centro e, não, dêste para aquêle, como sucede com os demais observadores.

Do longo parêntese aberto a propósito da noção de paisagem geográfica, pode-se passar sem perda de tempo para uma exemplificação euclidiana, na qual o nosso grande observador engloba, numa síntese bem feita, os ensinamentos posteriormente levados à letra de fôrma pelo autor francês e com a qual terminarei minha análise crítica da geografia na obra euclidiana.

Trata-se da paisagem vislumbrada por Euclides do alto da Favela (33):

... "Em roda uma elipse magestosa de montanhas... A Cana Brava, a nordeste, de perfil abaulado e simples; a do Poço de Cima, próxima, mais íngreme e alta; a de Cocorobó, no levante;

(32) Op. cit., pág. 106.

(33) *Os Sertões*, ed. cit., págs. 24-26.

ondulando em seladas, dispersa em esporões; as vertentes retilíneas do Calumbi ao sul; as grimpas do Cambaio, no correr para o poente; e, para o norte, os contornos agitados do Caipan — ligam-se e articulam-se no infletir gradual traçando, fechada, a curva desmedida.

Vendo ao longe, quase de nível, trancando-lhe o horizonte, aquelas grimpas altaneiras, o observador tinha a impressão alentadora de se achar sobre platô elevadíssimo, páramo incomparável repousando sobre as serras.

Na planície rugada, embaixo, mal se lóbrigavam os pequenos cursos d'água, divagando, serpentes...

Um único se distinguiu — o Vasa-Barris. Atravessava-a, torcendo-se em meandros. Presa numa dessas voltas, via-se uma depressão maior, circundada de colinas... E atulhando-a, enchendo-a de confusos tetos incontáveis, um acervo enorme de casebres" (34).

**O destino de São José do Rio Pardo.** — Senhores! São José do Rio Pardo tem sido o cenário de importantes realizações; aqui se implantou a República numa época em que a mesma se robustecia aos poucos nos grandes centros; aqui, um engenheiro modesto, mascarando um Atlas do pensamento e de energia construtora, vos deu uma ponte e uma obra, que é um galardão da nossa capacidade intelectual, obra tecida na meiguice desta cidade; no aconchego de sua boa gente e diante de uma paisagem que se escancara de luz pela lua cheia como uma sugestão para que, no silêncio da noite, se observe o mundo na sua agitação; aqui se implantou um monumento ao Cristo no topo de uma elevação, graças ao esforço e ao dinamismo de um homem simples e persistente; aqui também se levantou este outro monumento, que é o *Grêmio Euclides da Cunha*, onde se aninham os levitãs da obra euclidiana; aqui chegam, anualmente, moças e rapazes, velhos e atletas para renderem culto a um outro atleta, mas do pensamento; aqui estão, enfim, senhores, a cabana de Euclides e o seu rio, que é também o vosso. Escudai-vos no passado e tende fé no Cristo que vos contempla, porque daqui, estou certo, novas realizações sairão da vossa energia e dedicação, para a glória de Rio Pardo que, afinal de contas, é a nossa própria glória!

(34) *Os Sertões*, ed. cit., pág. 25.